

NOSSOS CLÁSSICOS

A PROFUSÃO DAS TEORIAS ESPACIAIS E A FUSÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO: ALFRED HETTNER E O PROJETO COROLÓGICO

WOLF-DIETRICH SAHR¹

Prof. Universidade Federal do Paraná

LEONARDO ARANTES²

Doutorando Universidade Federal Fluminense

Se voltarmos nossas atenções para a história do pensamento geográfico e nela buscarmos encontrar as obras decisivas nas encruzilhadas dos caminhos epistemológicos, sem dúvida alguma iremos nos deparar com o livro *Die Geographie, ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden* (“A Geografia: sua história, sua essência e seus métodos”. Breslau: Ferdinand Hirt, 1927), do geógrafo alemão Alfred Hettner (1859-1941)³. A obra condensa – meses antes da aposentadoria de seu autor na Universidade de Heidelberg – todo o esforço de uma vida dedicada à reflexão epistemológica da Geografia e é baseada numa releitura e num rearranjo de capítulos de livros e contribuições em revistas geográficas

¹ Professor Adjunto de Geografia da UFPR, Curitiba. Doutor em Geografia pela Universidade de Tübingen, Alemanha.

² Mestre em Geografia e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – UFF e Professor Temporário da UFF – Angra dos Reis.

³ O texto *Die Geographie als chorologische Wissenschaft der Erdoberfläche* (“A Geografia como Ciência Corológica da Superfície Terrestre”), aqui apresentado na seção “Nossos Clássicos”, é parte integrante da obra mencionada. A tradução representa o ponto de partida de um projeto mais amplo que visa oferecer ao público de língua portuguesa a oportunidade de ter um contato mais próximo com as ideias desse importante epistemólogo da Geografia. Com o artigo, oferecemos ao leitor a nossa interpretação do pensamento de Alfred Hettner, contextualizando-o na situação específica da Geografia na República de Weimar (Alemanha).

durante mais de 30 anos. Nas suas repercussões, ela é comparável a outras grandes obras na história da Geografia, tais como o *Kosmos* (Cosmos, 1845/1862), de Alexander von Humboldt, *L'Homme et la Terre* (O Homem e a Terra, 1905), de Elisée Reclus, a *Anthropogeographie* (Antropogeografia, 1882/1891), de Friedrich Ratzel, *The Nature of Geography* (A natureza da Geografia, 1939), de Richard Hartshorne, ou *Social Justice in the City* (A Justiça Social na Cidade, 1973) de David Harvey. Assim como essas outras obras, ela é fruto e expressão dos dilemas e impasses enfrentados por seu autor no seu tempo. Isso se refere tanto ao âmbito da realidade concreta – na qual seu autor vivenciara a guerra franco-prussiana, a tardia unificação alemã, o Império alemão, a República de Weimar, o Terceiro *Reich*, as duas grandes guerras mundiais – quanto ao campo das ideias, naturalmente imerso na realidade concreta com seu intenso reatamento nas ciências em geral e na Geografia em particular.

Como no caso dos outros autores, Hettner deve ser contextualizado nas profundas transformações da Alemanha, principalmente na fase da formação do Estado-Nação no Império de Guilherme II. O historiador social Hans Ulrich Wehler caracteriza neste sentido a evolução da Alemanha como um *Sonderweg* (caminho especial), no qual se desenvolveu a intelectualidade alemã como *Bildungsbürgertum* (burguesia intelectual)⁴. Essa formação da burguesia oscilava durante o processo de formação nacional sempre entre integração e desintegração, entre progressismo e conservadorismo diante das inovações tecnológicas e científicas (WEHLER, 1995:764). Enquanto a sociedade da República de Weimar se desintegrava cada vez mais entre movimentos radicais de esquerda e de direita, a universidade burguesa não conseguia posicionar-se com clareza frente ao novo pluralismo de valores da sociedade (WEHLER, 2003:470-71). Neste contexto, a Geografia alemã enfrentou problemas epistemológicos semelhantes aos de outras “Geografias nacionais”, mas com algumas especificidades, tais como:

1) A crise instaurada a partir da crescente fragmentação do saber e as tentativas neokantianas de desfragmentação, tais como aquelas propostas de sistematização das ciências de Wilhelm Dilthey e de Wilhelm

⁴ A expressão *Bildungsbürgertum* é um termo que caracteriza, nos estados feudais da Alemanha no século XVIII e XIX, a associação da burguesia das profissões liberais ao Estado, através de uma formação acadêmica, científica ou artística. Em grande parte, o grupo se recruta do protestantismo e judaísmo, apresentando uma educação neohumanista e idealista. Nós o traduzimos como “burguesia intelectual”, em contraste à burguesia comercial e à burguesia do funcionalismo público.

Windelband, juntamente com Heinrich Rickert, entre ciências naturais e ciências culturais;

2) A crise paradigmática instaurada a partir do advento da teoria da termodinâmica de Clausius, da teoria da relatividade de Einstein, da teoria quântica de Heisenberg e da teoria psicanalítica freudiana, as quais questionavam, em muitos casos, resultados já alcançados na época do idealismo, do positivismo e do neokantismo.

3) No âmbito da Geografia, sua inserção tardia no sistema universitário, principalmente em relação à Geologia (Geomorfologia) e à História, somada a uma construção por “geógrafos autodidatas” provenientes dos mais diversos campos do conhecimento (WARDENGA, 1995:32), acabou por promover uma radicalização do duplo dualismo Geografia Geral/Geografia Regional e Geografia Física/Geografia Humana.

Em seguida queremos traçar, aprofundando dados biográficos e através da exposição da estrutura de sua obra prima, como e com quais discursos Hettner propõe a edificação, ou melhor, a “construção” – o *Konstrukt*, conforme Ute Wardenga (1995) – da sua ideia de uma Geografia como Corologia, aplicando o conceito de espaço à sua Geografia idiográfica sob a forma de uma *Länderkunde* (Ciência Regional).

A formação de Hettner como geógrafo e sua luta pela reflexão epistemológica

A formação da Geografia acadêmica alemã no século XIX não é apenas uma luta para conquistar cientificidade no conjunto das universidades, mas também para ganhar lugar, através das suas representações, na sociedade em geral, principalmente na escola. Desta maneira, é interessante observar como a biografia de Alfred Hettner reproduz tais condicionantes na fase formativa alemã entre a Revolução nacional de 1848, passando pela Guerra Franco-Prussiana (1870/1871), e o Segundo *Reich* (1871/1918).

Alfred Hettner nasce em 1859 em Dresden, na Saxônia, um Estado com certa distância política em relação à vizinha e poderosa Prússia. O ano é certamente emblemático para a Ciência Geográfica moderna, não apenas em função do falecimento daqueles considerados fundadores da Geografia, Alexander von Humboldt e Carl Ritter, mas também pela publicação da grande obra de Charles Darwin, “A Origem das Espécies”, que dinamiza o

pensar intelectual, e de *A Tale of Two Cities*, de Charles Dickens, até hoje uma das obras literárias mais vendidas do mundo, que descreve as novas espacialidades da modernidade através das cidades de Londres e Paris.

Alfred Hettner é filho de um historiador da literatura e da arte, Hermann Hettner, que estudara com o influente historiador Leopold von Ranke e travara relações de amizade com o filósofo Ludwig Feuerbach e o escritor Gottfried Keller. Em 1850, Hermann Hettner publica “A Escola Romântica no seu conjunto interno com Goethe e Schiller”, e depois sua obra prima, uma história comparativa da literatura inglesa, francesa e alemã no século XVIII. Após poucos anos de atuação em Heidelberg e Jena, Hermann Hettner finalmente assume, em 1855, a diretoria da Coleção Real de Antiguidades em Dresden (CREIZENACH, 1910; SCHLOTT, 1993), onde, posteriormente, ganharia uma cátedra de artes. A mãe de Alfred Hettner, filha do pintor August Grahl, Anna Grahl, é a segunda esposa de Hermann. Assim, Alfred e seus cinco irmãos crescem num ambiente de cultura burguesa muito fértil, com discussões politicamente livres, numa atmosfera liberal e, em parte, religiosa. A família vive assim ideologicamente imersa no pensamento neo-humanista, com seus ideais do Renascimento, de Goethe e Schiller e do Idealismo de Kant, Fichte e Hegel (WARDENGA, 1995).

A vida escolar que Hettner passa até 1877 ocorre no *Vitzthumsche Gymnasium*, em Dresden, um ginásio humanista considerado de destaque, onde um terço das aulas é dedicado às disciplinas de Latim e Grego (WARDENGA, 1995:28) e onde também são dadas algumas poucas aulas de Geografia (PLEWE, 1985:14). Quando o jovem Alfred Hettner decide então estudar Geografia, opta pela Universidade prussiana de Halle. Isso porque a cátedra de Geografia da Universidade saxã de Leipzig encontrava-se desocupada (em função da morte prematura de Oscar Peschel), a cátedra prussiana de Berlim estava também vaga desde a morte de Ritter (de 1859 até 1874) e porque as Universidades de Estrasburgo e Königsberg, então germânicas, encontravam-se muito distantes de Dresden (PLEWE, 1985:16). Na universidade de Halle, Hettner frequenta as aulas do Prof. Alfred Kirchhoff sobre “Metodologia da pesquisa geográfica e do ensino de Geografia”.

Interessado pelo clássico problema Homem-Natureza, porém insatisfeito com a abordagem adotada pelo Prof. Kirchhoff, decide, após um ano, transferir-se para a Universidade de Bonn, onde frequenta as aulas

dos já consagrados físico-químicos Kekulé e Clausius⁵, cujas concepções certamente impressionaram o jovem estudante. Também em Bonn, cursa as disciplinas de Climatologia e Geografia do Mediterrâneo com o *Privatdozent*⁶ Theobald Fischer. Contudo, para realizar o seu desejo de se doutorar com uma tese em Climatologia (o que não é possível em Bonn, já que um *Privatdozent* não pode orientar), transfere-se novamente, em 1879, desta vez para a Universidade de Estrasburgo, onde, após dois anos, defende sua tese com o título *Das Klima von Chile und Westpatagonien* (O clima do Chile e do Oeste da Patagônia), sob orientação do Prof. Georg Gerland. Mas, como Hettner rejeita a posição de Gerland, segundo a qual a Geografia deveria ser apenas uma ciência natural pura, completamente apartada da esfera humana (HETTNER, 1927:120), ele decide então retornar a Bonn, onde tem um breve contato com o recém-chegado Prof. Ferdinand von Richthofen. Infelizmente, em função da morte de seu pai em maio de 1882, vê-se obrigado a retornar a Dresden.

Uma experiência importante no trabalho geográfico de Hettner são suas duas estadias prolongadas na América do Sul, de 1882 a 1884 e de 1888 a 1890, que lhe proporcionam um contato direto e empírico com a Ciência Regional. Plewe (1985:30) relata que, em 1882, o político Georg von Bunsen recomenda o jovem geógrafo já formado para um posto de professor particular de um filho do recém-nomeado enviado inglês a Bogotá, J. P. Harriss-Gastrell. Com o apoio de sua mãe e de seus mestres Kirchhoff, Gerland e Richthofen, Hettner aceita o convite e, na sua preparação da viagem, debruça-se nas obras de Alexander von Humboldt e Charles Darwin. Sete meses após a chegada de Hettner na Colômbia, Gastrell resolve partir junto com sua família, deixando uma boa quantia de dinheiro para o jovem pesquisador, o que lhe garante uma relativamente longa permanência no continente para pesquisas.

Em 1884, ainda na Colômbia, Hettner recebe uma carta de Kirchhoff na qual este o aconselha a retornar a Halle para realizar sua habilitação⁷.

⁵ Sua importância dentro da epistemologia em geral foi investigada por Prigogine e Stengers em “*A nova aliança. Metamorfoses da Ciência*. 3.ed. Brasília: Editora da UNB, 1997.” (1997:94-98)

⁶ Na Alemanha, aqueles que pretendem seguir carreira acadêmica precisam realizar, após o doutorado, uma *Habilitation* (espécie de livre-docência) que inclui a entrega de mais uma tese para poder assumir uma vaga como professor numa universidade. Sendo habilitado, mas ainda sem cargo, estes docentes precisam proferir gratuitamente um mínimo de disciplinas por ano para não perder sua habilitação, sendo com isso denominados de *Privatdozent* (docente privado).

⁷ Cf. nota de rodapé 6.

Hettner lhe agradece o conselho, mas já tem em mente habilitar-se em Leipzig – com a mudança de Richthofen de Bonn para Leipzig em 1883, as condições para isso estão dadas. Ainda em 1884, inicia então a sua habilitação junto a Richthofen; contudo, este, em 1886, transfere-se para Berlim, e em Leipzig é nomeado Friedrich Ratzel, com quem Hettner conclui sua habilitação, intitulada *Gebirgsbau und Oberflächengestaltung der Sächsischen Schweiz* (Orogênese e Formação do Relevo da *Sächsische Schweiz*), que trata de uma região nos arredores de Dresden. Depois, Hettner trabalha como *Privatdozent*⁸ por um semestre na Universidade de Leipzig, lecionando uma disciplina sobre Geografia da América do Sul. Mas um convite do etnólogo berlinense Adolf Bastian, no início dos anos de 1888, para enviar uma coleção de antiguidades incas do Peru para o *Berliner Museum für Völkerkunde*, o tira novamente da Alemanha. Assim, Hettner parte rumo a sua segunda viagem à América do Sul, na qual passa por vários países, dentre os quais o Peru, Bolívia, Chile, Argentina, Uruguai e Brasil. Nessa viagem, recebe o apoio financeiro da fundação Albrecht, através de Ratzel, e da Sociedade de Geografia de Berlim, através de Richthofen (PLEWE, 1985:51-66).

No semestre de inverno de 1890/91, Hettner, de volta à Alemanha, retoma sua atividade de docência junto à Universidade de Leipzig, agora como assistente de Friedrich Ratzel. Em 1894, torna-se professor extraordinário (sem cátedra) nesta universidade. Insatisfeito com os periódicos de Geografia de então, funda em 1895 a *Geographische Zeitschrift*, até hoje um dos mais importantes periódicos alemães especializados em Geografia. Este empreendimento desafia a dominante revista *Petermanns Geographische Mitteilungen* de Gotha que, com um forte aparato cartográfico, divulga uma geografia mais pictórica e descritiva. A tentativa de Hettner é criar uma revista para o debate discursivo epistemológico.

Em 1897, Hettner torna-se o primeiro professor extraordinário na Universidade de Tübingen, onde não existe na época uma cátedra de Geografia e, no ano seguinte, transfere-se para o mesmo cargo na Universidade de Würzburg. Em 1899, finalmente, assume o cargo de professor extraordinário na Universidade de Heidelberg, onde ganha, em 1906, a primeira cátedra de Geografia dessa Universidade, aí permanecendo até a sua aposentadoria no ano de 1928.

Assim, Hettner está plenamente estabelecido no sistema institucional da academia alemã. Wardenga (1995:84-6) relata que até a virada para o

⁸ Cf. nota de rodapé 6.

século XX, Hettner não tinha a menor pretensão de publicar suas reflexões teórico-metodológicas – elas lhes serviriam apenas como construções auxiliares para o trabalho do geógrafo. Mas quando, em 1901 e 1902, Friedrich Ratzel, até então o grande teórico entre os geógrafos, publica sua obra *Die Erde und das Leben* (A Terra e a Vida), com o subtítulo *Eine vergleichende Erdkunde* (Uma Geografia Comparativa), Hettner a considera repleta de “generalidades” e pede mais reflexão sobre os “fatos geográficos” (WARDENGA, 1995:85). Em resposta, ele publica, em 1903, um artigo intitulado *Grundbegriffe und Grundsätze der physischen Geographie* (Conceitos fundamentais e princípios da Geografia Física) no volume 9 da sua *Geographische Zeitschrift*. Neste artigo, divide a *Erdoberfläche* (superfície terrestre), conceito cunhado por Richthofen, em uma *wirkliche Erdoberfläche* (superfície terrestre real) e uma *mathematische Erdoberfläche* (superfície terrestre matemática). Com esta operação semiótica Hettner separa o objeto científico da Geografia de sua representação, chamando atenção para as confusões a esse respeito existentes na época. Para ele, todavia, só o conjunto desses dois aspectos permite falar de fato de uma Ciência Geográfica.

Na sua excelente obra sobre Alfred Hettner, Ute Wardenga (1995:85-9) demonstra como este artigo de 1903 formula de forma coerente e sistemática o “Método” de Hettner⁹. Para ele, o geógrafo deveria proceder em três etapas. Na primeira, ele deveria captar o próprio conteúdo factual da Geografia – este se apresenta, no que diz respeito aos elementos inorgânicos, principalmente sob a forma de regularidades e regras abstratas, enquanto os aspectos orgânicos seguem mais os princípios individuais e associativos. Na segunda, ele deveria identificar os diferentes reinos com suas relações causais entre si, sendo estas muitas vezes baseadas em relações temporais e espaciais. Na terceira etapa, por fim, ele deveria desenvolver sequências lógicas científicas e causais, baseadas em 5 grupos de forças energéticas: forças endógenas terrestres, forças exógenas terrestres, forças climáticas, biogenéticas e humanas. Embora o esquema de Hettner impressione, acaba por fracassar, sofrendo mesmo o autor da diferença semiótica entre a evolução histórica da Geografia, formando o seu conteúdo, e sua sistematização lógica, formando sua epistemologia (WARDENGA, 1995:89).

Uma nova tentativa de organização sistemática para uma Geografia científica se faz em 1905, quando Hettner insere a Geografia no *Das System der Wissenschaften* (sistema das ciências) nos *Preussischen*

⁹ Cf. também outro artigo de Hettner, já de 1895, como aponta Schultz (1980:84).

Jahrbüchern (Anuários Prussianos, HETTNER, 1905a). Aqui, postula que a Geografia é uma ciência concreta que, com base na comparação de elementos idiográficos, ganha seu conteúdo. Em outro artigo publicado no *Geographische Zeitschrift*, também em 1905, *Das Wesen und die Methoden der Geographie* (A essência e os métodos da Geografia), Hettner concretiza sua ideia da *Länderkunde* como Ciência Geográfica (HETTNER, 1905b). Agora, define a Geografia como ciência que cria seu objeto através da análise e recombinação de elementos geográficos, definindo-a, por um lado, como descrições da realidade dos fatos e, por outro, como complexos lógicos entre ideias nomotéticas e idiográficas. Privilegia, com isso, os métodos indutivos¹⁰. Isso inclui também os aspectos do Homem, cujas relações com a Natureza se baseiam em forças mecânicas, físicas e químicas, além de relações de estímulos biológicos e relações psicológicas e espirituais (HETTNER, 1905b:287).

Com o privilegiar do método indutivo e baseado na sua diferenciação entre o objeto factual e sua *Darstellung* (representação e apresentação), Hettner se posiciona firmemente contra a crescente veneração dos métodos dedutivos do colega norte-americano William Morris Davis, no início do século XX. São principalmente os jovens geógrafos alemães que começam a aderir às teorias davisianas devido à sua força persuasiva e didática (cf. WARDENGA, 1995:112-132). Mas Hettner critica tais ideias como uma “encenação da superfície terrestre numa peça teatral” (cf. WARDENGA, 1995:129) e confirma assim claramente, também neste caso, sua sensibilidade para o problema semiótico entre conteúdo e forma.

O advento da Primeira Guerra Mundial, entretanto, tira do sonho mais naturalista todos os geógrafos acadêmicos que em grande parte ainda são ligados à Ciência da Terra e, com isso, a uma Geografia Física. Assim, Hettner embarca com os demais no trem de uma geografia mais prática e inclinada ao Homem, e ajuda a fortalecer, com seu talento de escritor científico, os aspectos de uma Geografia Humana (WARDENGA, 1995:136-7). Depois da Primeira Guerra Mundial, isso o leva até a uma reflexão sobre o rearranjo funcional e industrial da Alemanha, uma ideia bastante moderna entre as concepções da nobreza feudal e de um movimento trabalhista fortalecido. Entretanto, ele interpreta essas ideias não como sendo políticas, mas meramente fruto de uma ciência pura (WARDENGA 1995:149). Neste contexto, ele aprofunda suas ideias de uma base epistemológica da Geografia.

¹⁰ Na sua obra de 1927, Hettner defenderá um cruzamento de métodos indutivos e dedutivos.

Estrutura da obra de 1927 e proposta hettneriana de sistematização da Geografia

Em 1927, Hettner publica *Die Geographie, ihre Geschichte, ihr Wesen, ihre Methoden*. Organizada a partir da releitura, reelaboração e compilação de textos redigidos e publicados em diferentes momentos da vida de seu autor, esta obra não deve ser compreendida como uma mera reunião de textos, mas sim como um esforço intelectual genuíno de Alfred Hettner para sistematizar a Geografia do ponto de vista do seu objeto e do seu método. Através da análise da lista apresentada por Wardenga (1995:163) dos 23 artigos utilizados na sua composição, às vezes de forma literal, pode-se perceber que se trata quase que exclusivamente de contribuições (no total 20 artigos) para sua própria revista, a *Geographische Zeitschrift*. Assim, enquanto a forma do livro sugere uma extrema sistematização e organização, o seu conteúdo é muito mais um comentário dos 30 anos de debate geográfico.

Contudo, para estruturar posteriormente suas ideias, Hettner necessita de um fio condutor ou um nexos estruturante capaz de fornecer à obra uma lógica interna unitária e coerente diante da diversidade dos debates apresentados em seus textos. Com isso, ele os organiza em nove capítulos (chamados de “livros”), que estão reunidos de maneira sistemática e didática em três partes, quais sejam, em primeiro lugar, a que trata dos fundamentos e do conteúdo da Geografia, em segundo, a que se ocupa com a formalização e representação do conhecimento geográfico e, por fim, a que aborda a formação e o ensino do conhecimento geográfico.

Suas intenções estão resumidas no breve prefácio da obra:

O presente livro é de certo modo a obra da minha vida; eu não simplesmente li reunindo a maior parte de seu conteúdo, mas sim o vivenciei. Seus inícios remontam ao meu tempo de estudante. Quando ingressei na universidade, mesmo quando da primeira [universidade], com a pronunciada intenção de estudar Geografia, ela me foi apresentada como algo diferente, muito mais próxima das ciências naturais do que eu tinha imaginado. (...) Residia, em meu talento espiritual, buscar contrapor-me teoricamente com essas diferentes concepções, e assim eu me empenhei muito desde o início com reflexões metodológicas; elas me acompanharam também em minhas duas viagens à América do Sul. Porém, apenas muitos anos mais tarde, e por oportunidade extra, com a fundação do *Geographische Zeitschrift* e na posse da recém-

fundada cátedra em Tübingen, eu me expressei publicamente a esse respeito, e somente ainda mais tarde meus textos metodológicos se acumularam. Eu sempre acreditei que a metodologia da Geografia devesse crescer em fundamento duplo, a saber, na própria pesquisa e apresentação em diferentes partes da ciência e na ocupação minuciosa com a metodologia científica geral (...).¹¹(HETTNER, 1927)

Fazendo aqui a diferença entre pesquisa e apresentação para captar a essência do objeto geográfico (os fatos) através da experiência, por um lado e, por outro, através das representações em termos, livros e mapas, Hettner mostra sua sensibilidade para compreender a Geografia de forma semiótica. Percebe, assim, que em muitos debates na sua época se confundem estes dois níveis do “objeto geográfico” e, por conseguinte, propõe sua “objetivação” do objeto da Geografia. Sendo também um estruturalista idealista, ele fez isso através da própria estrutura do livro (veja Fig. 1).

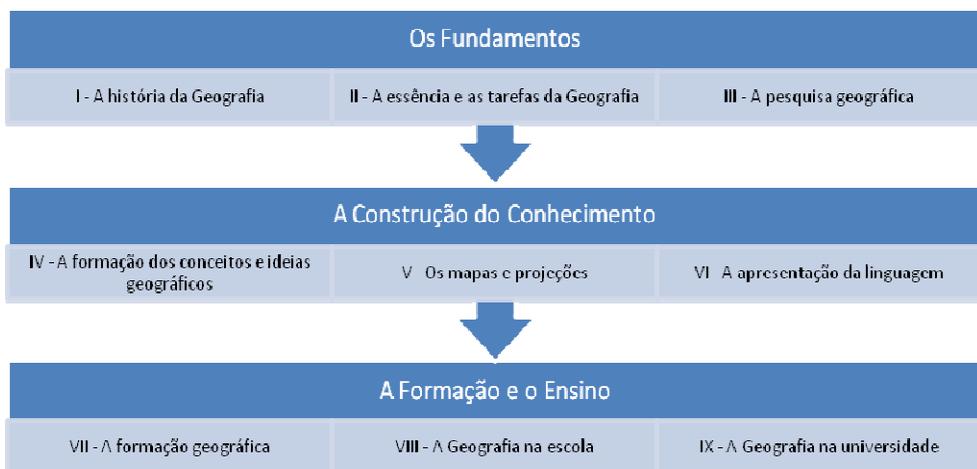


Figura 1. Mapa Conceitual da Obra *Die Geographie...*

Elaborado por Leonardo Arantes

A primeira das três partes do livro caracteriza os fundamentos da Geografia e engloba os capítulos I, II e III. O primeiro capítulo se constitui

¹¹ Essa busca por métodos geográficos seguros tomada como tarefa principal da sua atividade acadêmica já havia sido expressada há muito tempo, em 1882, numa carta a seu amigo Reute reproduzida por Plewe (1985:22).

numa minuciosa investigação do desenvolvimento histórico do pensamento geográfico desde a Antiguidade até a Geografia de seu tempo. O segundo capítulo, intitulado *Das Wesen und Aufgaben der Geographie* (A essência e as tarefas da Geografia), se dedica, em primeiro lugar, à compreensão da sistemática das ciências em *Das System der Wissenschaften* (O sistema das ciências) (HETTNER, 1905a). Neste, mostra-se altamente insatisfeito com a classificação das ciências baseada em seu método lógico, classificação esta proposta pelo neokantiano Heinrich Rickert. Segundo tal concepção, dois grandes grupos de ciências, a saber, as ciências naturais, de um lado, e as ciências humanas (que ele chama de ciências culturais), de outro, distinguir-se-iam por seus métodos lógicos, dado que o primeiro grupo procederia a partir de métodos generalizantes (nomotéticos), em busca de leis, enquanto o segundo procederia a partir de métodos individualizantes (idiográficos), para identificar singularidades.

Toda essa insatisfação de Hettner com tal classificação justifica-se por um motivo claro. Ela trazia para dentro da Geografia um dualismo até então inexistente: o dualismo Geografia Física / Geografia Humana. E isso era feito de maneira explícita pelo próprio Rickert (HETTNER, 1927:112). É no sentido de solucionar tal impasse que Hettner volta suas atenções para a filosofia positivista de Auguste Comte, para quem a verdadeira diferenciação das ciências estaria relacionada não com seu método lógico, mas sim com seu objeto. Aceita, assim, a distinção comteana fundada no objeto entre *ciências abstratas* (Matemática, Física, Química e Psicologia) e *ciências concretas*. Na sequência, Hettner retorna à *Physische Geographie* de Kant, de onde extrai o pressuposto segundo o qual as ciências concretas, empíricas, podem ser organizadas tomando-se por base uma *classificação lógica*, isto é, que se faz racionalmente a partir de marcos escolhidos de maneira aleatória e levando-se em consideração as similitudes e diferencialidades dos objetos para classificá-los, ou conforme uma *classificação física*, na qual esses mesmos objetos concretos seriam ordenados segundo sua ocorrência no espaço e no tempo.

O primeiro tipo de classificação daria ensejo às *ciências sistemáticas*; o segundo tipo de classificação seria constituído de *ciências cronológicas* (História da Terra ou Geologia Histórica, Pré-história, História etc.) e *ciências corológicas* (Astronomia e Geografia). Representando o cruzamento ou a passagem das ciências sistemáticas para os outros dois grupos dentro das ciências concretas, teríamos a Filologia e a Etnografia. As ciências sistemáticas seriam ainda subdivididas no seu método lógico em: *ciências naturais* (Mineralogia, Petrografia, Botânica, Zoologia, Paleontologia etc.) e *ciências culturais*, também denominadas de *ciência*

do espírito (Ciência da Linguagem, Ciência da Religião, Ciência do Estado, Economia Nacional).

O organograma abaixo nos ajuda a visualizar melhor a forma como Hettner concebia sua sistemática das ciências (veja Fig. 2).

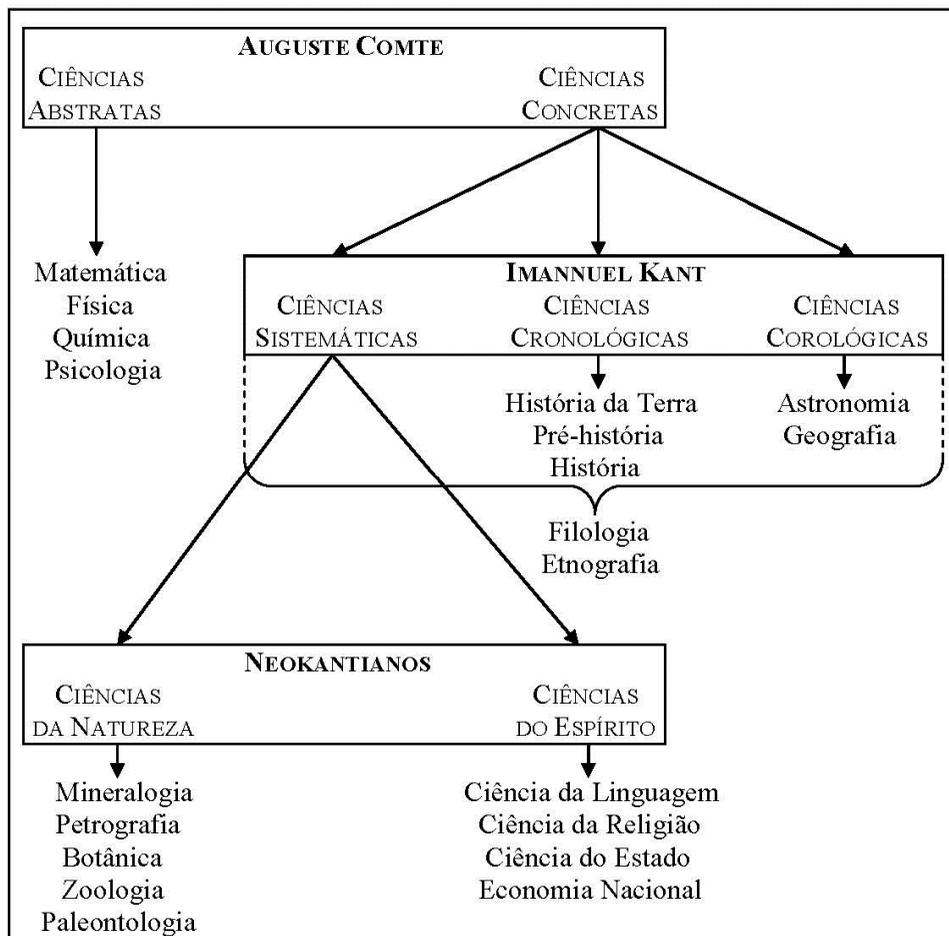


Figura 2. Sistemática das Ciências segundo Hettner
Elaborado por Leonardo Arantes.

Montado o seu quebra-cabeça das ciências, Hettner dirige suas atenções para as diferentes concepções que tinham como ponto de convergência a busca por uma justificação lógica da Geografia como uma

allgemeine Erdwissenschaft (Ciência Geral da Terra). À la Kant, Hettner se dedica a responder a questão *Ist eine allgemeine Erdwissenschaft möglich?* (É possível uma Ciência Geral da Terra?), concluindo sobre a impossibilidade da Geografia como Ciência Geral da Terra: “Logicamente impossível, historicamente infundada, nociva do ponto de vista prático, ela é um absurdo.” (HETTNER, 1927:121). Somente uma Geofísica enquanto ciência autônoma poderia assim ser entendida. Ao contrário, a Geografia teria de encontrar sua justificação lógica sob outro ponto de vista, isto é, como *Raumwissenschaft* (Ciência Espacial ou Ciência do Espaço), uma vez que se constitui como “conhecimento dos espaços terrestres solidamente determinado do ponto de vista histórico” (HETTNER, 1927:121).

No subcapítulo *Die Geographie als chorologische Wissenschaft der Erdoberfläche* (A Geografia como ciência corológica da superfície terrestre)¹² Hettner posiciona a Geografia diante dessa concepção no sistema:

A Geografia não é a Ciência Geral da Terra [allgemeine Erdwissenschaft]; todavia, também sua definição escolhida por Richthofen como Ciência da Superfície Terrestre [Wissenschaft von der Erdoberfläche] não é feliz e deu origem a muitas concepções falsas. Investigações da superfície terrestre como um todo, isto é, sem referência às diferenças locais, ainda não são geográficas; ao contrário, a Geografia é apenas a Ciência da Superfície Terrestre relativa às suas diferenças locais, dos continentes, das regiões [Länder], das paisagens e localidades. O termo Ciência Regional [Länderkunde] caracterizaria melhor esse conteúdo do que o termo Ciência da Terra [Erdkunde], o qual era inteiramente inofensivo na boca de Ritter, mas induzia os novos metodólogos a concepções teóricas falsas sobre a essência da Geografia. Não se pode pensar apenas na Ciência Regional Especial [Besondere Länderkunde], isto é, na descrição dos países [Länder] e das paisagens individuais, mas concomitantemente na Ciência Regional Geral Comparativa [allgemeine vergleichende Länderkunde] (HETTNER, 1927:122-23).

¹² Este texto foi por nós traduzido e publicado neste mesmo volume, na seção “Nossos Clássicos”.

Nessa citação fica claro que, para Hettner, existe uma tensão entre a distribuição na superfície terrestre e uma localização. Embora a distribuição muito nos diga a respeito das coisas, é no âmbito da localização que se capta sua diferencialidade espacial e, por conseguinte, sua verdadeira geograficidade. Aí residiria, portanto, a essência da concepção corológica. Assim, Hettner entende a Geografia como uma *Raumwissenschaft* (ciência do espaço), segundo a qual

O espaço enquanto tal é uma forma de intuição; ele ganha significado real apenas através de seu conteúdo! Com certa ingenuidade concebe-se a distribuição de terra e mar e a forma da superfície terrestre firme enquanto relações espaciais puras, como se não existisse nenhuma diferença nos conteúdos! (HETTNER, 1927:128).

Aqui fica claro que seu conceito de espaço é exatamente o mesmo que Kant havia concebido na sua Crítica da Razão Pura, isto é, como forma pura, a priori, da intuição sensível. Além disso, incorpora a concepção da Geografia como Ciência da Paisagem, à qual reivindica não apenas a esfera do visível, mas também a do invisível, o que não deixaria de fazer parte do sensivelmente perceptível. Esta menção representa de novo uma alusão a Kant, para quem qualquer objeto sensível se “realiza” na percepção através das categorias de espaço e de tempo.

Nenhum fenômeno da superfície terrestre pode ser pensado apenas para si; ele só se torna compreensível por meio da concepção de sua posição em relação a outros locais da Terra [Erdstellen]. (HETTNER, 1927:129).

Essa concepção de sua posição, sua localização, se concretiza através do

(...) conhecimento do caráter das regiões [Länder] e das localidades a partir da compreensão do estar-junto[Zusammenseins] e atuar-junto [Zusammenwirkens] dos diferentes reinos da natureza e de suas diferentes formas fenomênicas, e a concepção de toda a superfície terrestre em sua divisão natural em continentes, regiões [Länder], paisagens e localidades. (HETTNER, 1927:130)

Ainda neste capítulo, Hettner trata da concepção de tempo, a outra forma pura da intuição sensível, ao lado do espaço, segundo a filosofia transcendental crítica kantiana, já conhecida do sistema das ciências, mas cuja dimensão ficaria em segundo plano no que tange à Geografia

(HETTNER, 1927:131-32). Ele também analisa os diferentes ramos da Geografia e suas relações com as ciências vizinhas e, por fim, faz um breve mas importante debate sobre a relação entre Geografia, Estética e Arte, como também uma análise da Geografia do ponto de vista de suas implicações na práxis do homem.

O terceiro e último capítulo da parte de fundamentação, o qual de certo modo representa o momento de transição para o grupo seguinte, é dedicado à construção do conhecimento através da pesquisa. Denominado, simplesmente, *Die geographische Forschung* (A pesquisa geográfica), apresenta as tarefas da Geografia, quais sejam, o descobrimento, a constatação de relações espaciais da superfície terrestre, e o conhecimento dos conteúdos das regiões [*Länder*] e localidades. Trata ainda dos métodos do estudo dos mapas e da pesquisa bibliográfica, da investigação e construção de conexões espaciais, onde o cruzamento de procedimentos metodológicos indutivos e dedutivos garantiria um conhecimento geográfico seguro e da pesquisa em ramos específicos da Geografia. Curiosamente, o capítulo oscila sempre entre as intenções de fazer Geografia e a construção pragmática dos seus conteúdos sob estes motivos, e contextualiza assim a atividade geográfica mais no seu âmbito social (e histórico) do que verdadeiramente no seu âmbito metodológico.

A segunda parte da obra, composta pelos capítulos IV, V e VI, refere-se, neste sentido, mais aos métodos da construção do conhecimento. Primeiro, o quarto capítulo *Die geographische Begriffs- und Gedankenbildung* (A formação dos conceitos e ideias geográficos), o mais extenso de todos, com mais de cem páginas, mostra a preocupação terminológica com a Geografia corológica. Entende a triangulação linguística como uma operação lógica que sempre oscila entre o intuitivo e o terminológico, entre o individualizante e o generalizante, formando nessa dialética conceitos e princípios sintetizadores do material da investigação geográfica. Passa, no lado dos fatos geográficos, pelas diferentes esferas (superfície terrestre, hidrosfera, atmosfera, biosfera e antroposfera) através das categorias sistemáticas do espaço, do tempo e da materialidade. Do lado das causalidades, refere-se às forças energéticas (HETTNER, 1927:253) como sendo efetivas e formadoras nas diferentes esferas. Assim, uma terminologia de “complexos” (HETTNER, 1927:279), a qual é diferente da terminologia sistemática dos gêneros e classes, serviria finalmente para realizar os conceitos de “continentes, países, paisagens e localidades”.

O capítulo V, *Karten und Ansichten* (Mapas e projeções), trata de questões referentes à cartografia – distinguindo novamente as formas de

representação intuitiva da apresentação visual – assim como dos princípios da cartografia temática e topográfica. Já no último capítulo do segundo grupo aparece a *Sprachliche Darstellung*, a apresentação linguística. Este capítulo se refere menos à terminologia, e muito mais às formas de argumentação, como descrição, explicação e representação artística, com destaque especial à literatura geográfica desde os primeiros relatos de viagem até romances e apresentações sistemáticas.

A última parte da obra de Hettner, contendo os três últimos capítulos, com 50 páginas, é a seção mais curta: refere-se à utilidade e contextualização dos diferentes campos do conhecimento geográfico. O capítulo VII *Geographische Bildung* (Formação Geográfica) define o conhecimento geográfico não apenas na sua forma utilitária, mas também (seguindo a ideia do *Bildungsbürgertum*¹³) como relevante para a formação da personalidade. Valoriza assim tanto o conhecimento da *Heimat* (pátria), como da Alemanha, participando destarte na formação da nação nova, mas também do exterior. Neste contexto, a Geografia não participa apenas na formação do conhecimento factual, mas ajuda também a desenvolver valores.

O capítulo VIII, *Die Geographie in der Schule* (A Geografia na escola), discute, numa época em que a função do ensino geográfico era bastante disputada, quais deveriam ser os seus conteúdos e como a Geografia escolar deveria posicionar-se entre conhecimento concreto e abstrato. O último capítulo (IX), *Die Geographie auf der Universität* (A Geografia na universidade), elabora finalmente as ideias de Hettner, numa forma surpreendentemente resumida, sobre a qualidade e organização do ensino universitário. Vale a pena mencionar que, na sua época, as universidades ainda não tinham um sistema elaborado de pesquisas.

Através dessa organização do livro, podemos observar com nitidez que Alfred Hettner apresenta-nos uma proposta de organização da Geografia que tenta dar conta da alta complexidade dessa área de conhecimento. Busca construir uma unidade metodológica diante da profusão das teorias do espaço, e para isso procura, por um lado, usar ideias kantianas, idealistas e sistemáticas, de um academismo abstrato, mas, por outro, busca também seu objeto nas relações com a realidade das singularidades da *chore* concreta. Embora Hettner sugira uma construção semiótica mais do que interessante, não consegue fazer-se entender, porque – como parece – não percebe na sua época a dramaticidade das divergências na compreensão espacial que se instala a partir do início do

¹³ Cf. nota de rodapé 4.

século. A globalização imperialista dessa fase e a Primeira Guerra Mundial resultam num completo rearranjo espacial do globo. Arraigar-se nas categorias do filósofo alemão de Königsberg não era mais suficiente.

As perturbações na República de Weimar e a profusão das teorias espaciais

A época dos anos 1920 foi profundamente marcada por conturbações e mudanças políticas, artísticas e científicas na Alemanha. Estas respondiam, depois do desastre da Primeira Guerra Mundial, à construção insatisfatória de um Estado-Nação alemão (e, junto com ele, de uma Geografia acadêmica alemã) que tentava adaptar-se às enormes rixas, rupturas e conturbações da época. Com uma industrialização atrasada e um colonialismo precário, a Alemanha não tinha garantido um lugar “adequado” no concerto das nações e o resultado tinha sido uma República também precária, denominada por seus adversários “República de Weimar”. Hettner tinha sido, como muitos geógrafos, um fervoroso admirador do *Kaiserreich* sob a regência de Guilherme II (1888-1918) e depois do desastre da Primeira Guerra ficou extremamente deprimido (WARDENGA, 1995:147). Isso era um reflexo da organização intelectual da época em geral.

Segundo Norbert Elias (1997:127-8), a classe média da República de Weimar, principalmente o *Bildungsbürgertum*, ficou profundamente dividida entre uma Alemanha imperial sonhando com sua grandeza e uma Alemanha republicana que procurava uma modernização do Estado, com a inclusão da cada vez mais relevante classe trabalhadora. Curiosamente, eram principalmente as universidades prussianas que promoviam políticas mais progressistas (o governo da Prússia era quase sempre social-democrata). Assim, por exemplo, instalou-se na recém-formada Universidade de Frankfurt o Instituto de Pesquisas Sociais, posteriormente conhecido como a Escola de Frankfurt (WIGGERSHAUS, 1988).

Os primeiros anos da República de Weimar são muito violentos, deixando quase todos os alemães aflitos, num grande temor sócio-psicológico. Hettner não foge à regra. Principalmente nos grandes centros industriais e culturais do país, como Berlim, Munique e a região do Ruhr, sucedem-se ininterruptamente revoltas, levantes, tentativas de golpe e ocupações (KOLB, 2002; GESSNER, 2005). Depois dos horrores e das batalhas cruéis, a guerra finalmente se encerra com a recusa dos marinheiros em Kiel em continuar a luta já perdida. No dia 9 de novembro

de 1918, acontece em Berlim uma dupla proclamação da República, uma social-democrata, outra comunista. Pouco depois, em janeiro de 1919, o Levante Espartaquista é contido pelo governo social-democrata de Friedrich Ebert, com o apoio de resquícios do exército alemão feudal e dos chamados *Freikorps* (milícias, que são grupos paramilitares formados por veteranos da Primeira Guerra insatisfeitos com a República e que ainda sonham com uma Alemanha imperial).

Após o mal-sucedido levante, mais de 150 pessoas morrem, entre elas Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht – os dois maiores líderes comunistas. Em reação a isso se desencadeia uma greve geral igualmente suprimida pelas forças conservadoras. Desta vez mais de 1.200 pessoas são mortas. Em abril, em Munique, um levante comunista é esmagado por tropas militares: 600 mortos. Um ano após, em 1920, ocorre uma tentativa de golpe em Berlim, desta vez da direita, sob o comando de Kapp e do General Lüttwitz: ambos rejeitam o desvantajoso e humilhante tratado de Versalhes que obriga o exército alemão a reduzir o seu efetivo. Como reação, forma-se o “Exército Vermelho do Ruhr”, com mais de 50.000 ex-soldados e trabalhadores industriais. Dentro de um mês, este é vencido por tropas prussianas, com mais de 1.000 mortos.

Nos anos seguintes, ocorre o choque de vários atentados políticos contra republicanos, como Matthias Erzberger (1921) e Walther Rathenau (1922). A impossibilidade de honrar as reparações de guerra pelo governo alemão, ainda numa situação de hiperinflação, causa, em 1923, a ocupação da região do Ruhr por tropas francesas e belgas. Muitos alemães optam por uma resistência pacífica, mas alguns grupos de direita formam alianças terroristas entre imperiais e nacional-socialistas. Também em 1923, vários levantes comunistas sacodem a Turíngia, a Saxônia e Hamburgo. Ao mesmo tempo, a Baviera vivencia uma tentativa de golpe interno da polícia e do seu governo de direita, desafiado ainda por outro golpe, desta vez de Adolf Hitler e do General Ludendorff, ainda sem sucesso. Tal violência é tranquilizada com a intervenção dos norte-americanos, em 1924, com a negociação da retirada das tropas francesas da região do Ruhr e de um novo reajuste das reparações. Assim se iniciam os anos vinte de ouro, os *Goldene Zwanziger* (1924-1929).

Trata-se, como pode-se perceber, de uma época extremamente trágica para a Alemanha, mas muito fértil em termos culturais e intelectuais, onde o dissenso supera largamente o consenso. Diante desse contexto, a Alemanha apresenta-se como um território dilacerado entre diferentes concepções políticas, diferenças profundas de classes e divergências de *Weltanschauungen* (visões do mundo). Isso agita também

o debate sobre a Geografia, focado principalmente na *Landschaft* (paisagem) e na *Länderkunde* (Ciência Regional). E é nesse momento que Hettner tenta relançar suas ideias corológicas atreladas à noção de espaço.

O decênio é caracterizado por uma explosão de concepções e representações, sobre objetos abstratos e concretos, não apenas na Geografia. São as vanguardas das artes plásticas que abordam este tema, tanto na França, como na Rússia e na Alemanha. Antes da Guerra, surgem, entre outros, o Fauvismo, o Cubismo e o Expressionismo, durante a Guerra o Dadaísmo e o Abstracionismo e, depois da Guerra, o Surrealismo e a *Neue Sachlichkeit* (Verismo), sempre experimentando com formas, cores e espacialidades entre o concreto e abstrato (cf. GOMBRICH, 1999, cap. 27). Muitos destes movimentos canalizam-se na Alemanha em torno das atividades da *Bauhaus* que, sob a liderança do social-democrata Walter Gropius, tenta, primeiro em Weimar, depois em Dessau, conciliar a arte burguesa e decorativa (*L'Art pour l'Art*) com uma função social e industrial, ao propor a reunião da arquitetura, escultura, pintura, artes decorativas e ofícios (DROSTE, 2006:19). Reúne-se, assim, o espaço e as formas do social, do arquitetônico e do formal. Hettner conhece bem este debate, uma vez que seu irmão, Otto Hettner, é um artista plástico expressionista e da *Neue Sachlichkeit*, atuando no *Sächsischer Kunstverein* (Associação Artística Saxã).

A mesma pluralidade espacial aparece na literatura. Em *Stahlgewitter* (Tempestade de Aço, 1920), Ernst Jünger descreve a explosão dos espaços pela guerra com a ajuda maquinica das armas. No romance futurístico *Berge Meere und Giganten* (Montanhas, Mares e Gigantes, 1923), Arnold Döblin critica a urbanização, a massificação, a alienação da natureza e a desumanização, de forma expressionista. No *Zauberberg* (Montanha Mágica, 1924), Thomas Mann relata os conflitos ideológicos da burguesia dos anos 1920 entre intelectuais progressistas e burgueses conservadores. O romance *Der Prozess* (O Processo, póstumo, 1925), de Franz Kafka, demonstra os absurdos da superpotência do Estado moderno com sua espacialidade anônima. Em 1926, o romance *Volk ohne Raum* (Povo sem Espaço), de Hans Grimm, é amplamente elogiado pelo público da direita, porque mostra no exemplo da migração dos *boers* na África do Sul (semelhante à ideia dos espaços expansionistas da *Geopolitik*) a expansão espacial imperialista, projeto depois realizado pelos Nacional-Socialistas.

Em 1927, no ano da obra principal de Hettner, se publica ainda o *Steppenwolf* (Lobo da Estepe), de Hermann Hesse, demonstrando a solidão do homem moderno diante dos questionamentos morais. No mesmo ano, o filme *Metropolis*, de Fritz Lang, lota os cinemas, e a obra

Mahoganny (um ano depois é a “Ópera de Vintém”), de Kurt Weill e Bertolt Brecht, revoluciona o teatro musical moderno com sua mescla entre música clássica e Jazz. Ainda em 1927, Martin Heidegger lança seu livro *Sein und Zeit* (Ser e Tempo), onde propõe uma nova fenomenologia do espaço. Ainda devemos mencionar *Berlin Alexanderplatz* (1929), de Arnold Döblin, que reúne diferentes linguagens na metrópole, e o *Der Mensch ohne Eigenschaften* (O Homem sem Qualidades, 1930/33), de Robert Musil, que descreve o drama da despersonalização pela modernidade.

Neste caldeirão efervescente das linguagens literárias, a própria linguagem de Alfred Hettner – reservada e cientificizada – mostra muita distância em relação às ideias expressionistas e sua explosão do espaço. Mas, como mostram várias partes do seu livro, ele tem plena consciência do problema da “representação”, como claramente expressa nas inúmeras inserções sobre a Geografia estética.

Àqueles ambientes artísticos junta-se ainda na ciência a discussão sobre a espacialidade na teoria da relatividade de Albert Einstein, cujas descobertas até hoje provocam curiosamente poucas repercussões dentro da Geografia científica (mas veja MASSEY, 2008). Enquanto os geógrafos ficam bastante silenciosos sobre essa nova forma de compreender o espaço, filósofos da época, como Henri Bergson e Ernst Cassirer, sentem-se estimulados a refletir sobre as consequências da teoria. Bergson usa a teoria para confirmar sua hipótese sobre a junção entre tempo e espaço sem uma diferença fundamental (BERGSON, 2006[1919]). Cassirer interpreta-a como abordagem, onde análise fenomenológica e análise matemática se encontram numa dialética entre vivência imediata e compreensão mediata, através da forma simbólica (CASSIRER, 1975[1921]:121). Esta compreensão simbólica permite múltiplas verdades científicas e artísticas, onde o “tempo e espaço” de físicos, de matemáticos, de historiadores, de pintores e de músicos, entre outros, adquirem, por sua vez, outra formulação (CASSIRER, 1923[2001]). Curiosamente, aqui, Cassirer se expõe ao mesmo problema da relação entre o material e o ideal que Hettner usa na metodologia para sua Corologia. Assim, não surpreende que o (nem tão) neokantiano Cassirer se refira muitas vezes na sua filosofia simbólica ao espaço como elemento unificador da forma simbólica.

Diante do amplo panorama dessas compreensões do espaço, tanto no campo político, como no campo das artes plásticas, da literatura, da física e da filosofia, a abordagem da Corologia hettneriana e sua conotação neokantiana parece bastante isolada. Muitos outros geógrafos da República de Weimar se mostram, neste sentido, muito mais abertos aos novos

tempos; isso, contudo, menos em termos metodológicos e muito mais nas formas de representação literária da Geografia. Parece que as artes e a sua expressividade tinham vencido a intenção metodológica de Hettner, mesmo dentro da Ciência Geográfica. Esse foi o drama pessoal de Hettner na República de Weimar, como mostrará uma comparação estilística da linguagem do livro *Die Geographie ...* com outras expressões geográficas.

Entre análise-síntese e representação: Hettner nos cruzamentos das visões geográficas

Ideias não se definem apenas por sua essência, mas também por sua representação – isso é a mensagem da semiótica que Hettner entende. E, assim, ele usa muitas ferramentas literárias na construção do seu livro¹⁴.

Em primeiro lugar, a própria divisão da obra *Die Geographie ...* em “livros” e não em “capítulos” já representa um ato semiótico. Com isso, Hettner pretende fazer alusão às estruturas das “geografias” e “histórias” da Antiguidade, com suas grandes obras produzidas por Heródoto, Ptolomeu, Plínio, Tácito etc.. De certa forma, demonstra assim a continuidade de suas ideias nos moldes de sua educação neo-humanista. A estrutura de sua obra dissimula também a tradição da filosofia sistemática do Idealismo, cujos heróis de Weimar, Königsberg, Jena e Berlim – Herder, Kant, Fichte e Hegel – seriam os principais expoentes da filosofia alemã para o *Kaiserreich*. Com estes dois elementos, Hettner se associa aos classicistas tão típicos no Império alemão.

Hettner também é sensível ao problema da linguagem, embora sua escrita não seja das mais concisas. Já nos seus primeiros estudos na Universidade de Halle, rejeita o estilo popular do seu professor Alfred Kirchhoff – este muito didático por sinal, com suas representações romantizantes e narrativas – por falta de imersão metodológica (WARDENGA, 1995:33). O aspecto narrativo dessa Geografia revela-se num exemplo da obra de Kirchhoff, *Mensch und Erde* (O Homem e a Terra, 1910):

Com os esquimós o Extremo Norte da América educou um verdadeiro povo ideal de adaptação às duras condições de vida ártica. Neste país dos esquimós, nenhum fracote era

¹⁴ Observar estes elementos semióticos também é fundamental na tradução de uma obra. Trata-se, entretanto, de uma grande dificuldade, porque transferir os campos associativos e os contextos literários de uma cultura para outra é sempre mais do que delicado.

admitido à mesa parcamente abastecida com comida. A sua experiência secular inventou, contra as temperaturas que desceram até abaixo do ponto de gelo do mercúrio, um sistema insuperável de defesa no modo de vestir-se e morar (KIRCHHOFF, 1910: 10).

A Geografia como cenário narrativo – essa perspectiva Hettner estranha desde o início de seus estudos. E, assim, outro geógrafo mais sistemático chega mais perto de seu ideal de uma Geografia científica: trata-se do “ordinarius” (catedrático) Hermann Wagner (1840-1929), de Göttingen, que em seu *Lehrbuch der Geographie* (Manual de Geografia, 1915), já pré-formulara uma ideia da *Länderkunde* (Ciência Regional) que pode

traçar o agir em conjunto de todos os elementos geográficos num determinado espaço terrestre, para selecionar para cada localidade terrestre o seu diferencial e o que lhe é próprio em relação às áreas vizinhas. Isso resulta, na divisão da superfície terrestre ou de uma parte dela, em máxima consideração da diversidade dos princípios de divisão - em contraste à unilateralidade do procedimento que, durante muito tempo, dominava, quando baseou-se apenas nas relações de propriedade dos Estados humanos. (1915:4)

Com sua postura em favor de uma Geografia científica, Hettner permanece também bastante crítico em relação à outra proposta epistemológica, a “morfologia da paisagem natural e cultural”, de Otto Schlüter (SCHLÜTER, 1920:76). Em Schlüter, ele critica a concepção pictórica da *Landschaftsbild* (imagem da paisagem), proposta como elemento unificador entre Geografia Física e Geografia Humana. Seguindo a tradição aristotélico-kantiana que concebe a *Anschauung* como intuição, a qual apreende o mundo estético-sensível não apenas pelo sentido da visão, mas por todos os sentidos, Hettner critica Schlüter quando este reduz a *Anschauung* apenas ao campo do visível ao desenvolver sua noção da *anschauliche Form* (forma visível):

Quando acontece de vez em quando que alguém não enxerga a mata por causa de tantas árvores, o geógrafo de qualquer jeito tenta ver a mata e não as árvores. As comunidades de plantas como a mata, o campo de urze, a pradaria, a estepe, a tundra, o deserto etc., são todos objetos da nossa investigação e apresentação. (...) Portanto, o olhar se dirige de novo aquele que define o caráter da paisagem. (SCHLÜTER, 1920:13).

Com sua abordagem, Otto Schlüter escolhe o conceito de paisagem como objeto por excelência da Geografia. Este objeto está embutido no mundo estético-material, à semelhança de uma pintura da paisagem, desagradando com isso, e muito, o cientista Hettner que protagoniza a terminologia verbal.

Entre as três posições acima mencionadas – a narrativa, a sistemática e a estética – Hettner fica claramente inclinado à sistematização científica. Mas não negligencia nas suas considerações a apresentação do objeto da Geografia, e assim capta bem que os obstáculos da cientificação desta ciência seriam em grande parte linguísticos. Desse modo, a dupla função da Geografia como ciência analítica no âmbito da universidade e como conhecimento sintético na esfera escolar (SCHULTZ, 1980:90) torna-se também um divisor semiótico, sendo um obstáculo entre o conteúdo da Geografia e sua representação.

Por isso, é importante que, após a Primeira Guerra Mundial, surjam novas formas de representação do espaço nas artes e nas ciências exatas, posicionando a *Landschaftskunde* (Geografia da Paisagem) e a *Länderkunde* (Ciência Regional) em novos contextos. Paradigmaticamente, isso se percebe também nas linguagens dos proponentes da denominada *ästhetische Geographie* (Geografia estética), entre eles, além de Schlüter, os geógrafos universitários Siegfried Passarge, da Universidade de Hamburgo, e Wilhelm Volz, da Universidade de Leipzig, e os não-universitários Ewald Banse e Hans Spethmann, os quais podemos denominar de a “jovem guarda” entre os geógrafos.

Siegfried Passarge (1867-1958) é ainda o mais conservador entre eles, e apenas “moderniza” sua linguagem sob a influência do nacional-socialismo. Define o objeto da Geografia como *Landschaft* (paisagem), caracterizando-a, por um lado, como um conjunto de diferentes “fenômenos individuais” que se reúnem numa unidade terrestre e, por outro, como uma forma holística, onde a “constelação e a interpenetração dos espaços e sua fusão de elementos unitários” (PASSARGE, 1922:175) formam a paisagem. Assim, a paisagem científica seria uma espécie de “tipo ideal”, no qual aparecem suas “características essenciais” (PASSARGE 1922:175). Tal alusão à Geografia humboldtiana e sua influência idealista e romântica permite captar a paisagem visualmente através da intuição. Mas, enquanto Passarge se pronuncia ainda no início dos anos 1920 com uma linguagem seca e concreta, muda gradualmente sua dicção para uma linguagem cada vez mais estetizada (e “politizada”). Assim, já em 1924, caracteriza algumas paisagens como *Vorzugsgebiete* (áreas privilegiadas), nas quais

(...) a vida cultural pulsa mais fortemente. Estas áreas devem ser denominadas corações culturais, pois delas partem caudais vivificantes, quase comparáveis a um caudal sanguíneo do coração. (PASSARGE, 1924:202).

Com tal linguagem, o caminho para a ideologia fascista se encurta bastante e a visibilidade do objeto geográfico fica num plano de projeção para outras intenções. Hettner sente intuitivamente que isso iria cada vez mais inviabilizar sua tentativa de cientificar a Geografia (SCHULTZ, 1980:155). Pelas mesmas razões, Hettner critica Wilhelm Volz (1870-1958) que, em 1923, na sua aula inaugural como catedrático em Leipzig, apresenta suas ideias sobre a harmonia e o ritmo na paisagem. Nela, Volz introduz uma abordagem que propõe a explicação da paisagem visual pelo elemento musical. Em 1926, aperfeiçoa seu vocabulário estético (cf. SCHULTZ, 1980:149):

A essência interna de harmonia e ritmo se deixa explicar talvez de forma breve: ambos procuram fundar a grande totalidade, a interação e a inter-relação de todos os fatores significantes e efetivos, mas usando caminhos diferentes; se eu deixo pairar o meu olhar, eu capto a harmonia – se o deixo vagar, [capto] o ritmo.(...) A harmonia é o estado, o ritmo, todavia, a vida e o devir, a evolução e a deformação. (VOLZ, 1926:12)

Mera coincidência, tal colocação lembra bastante o lema positivista de “ordem e progresso”, o qual também dispõe de um materialismo plástico e estético. Mas Hettner, embora neokantiano, mostra uma profunda incompreensão para este tipo de percepção do objeto geográfico (WARDENGA, 1995:158).

Curiosamente, outro esteticista entre os geógrafos, Ewald Banse (1883-1953) recebe uma atenção maior de Hettner. Banse propôs uma abordagem ainda mais radical, criticando a Geografia universitária como “sem alma” e pedindo, em vez disso, uma Geografia expressionista (1920). Inspirado no movimento artístico do mesmo nome, no qual as obras de arte (pintura, filme, poema, romance) expressam e influenciam situações psicológicas, Banse procura um equivalente na ciência, sugerindo uma *künstlerische Geographie* (Geografia artística):

Enquanto a geografia científica investiga a origem e aparência das formas terrestres, dos fatos climáticos etc. em si, a geografia artística não pede apenas isso, mas ainda o conhecimento da consonância de todos os elementos em cores

e linhas, como também os efeitos desta imagem em relação à alma do observador. (BANSE, 1922: 3).

Para Hettner, Banse é claramente um *outsider*, mas ele o avalia com muita simpatia, provavelmente porque este geógrafo não-universitário representa ao velho professor um desejo saudosista por um reencantamento da Geografia clássica, um “encantamento substituto”, nas palavras de Wardenga (1995:162).

Diante dessas colocações, fica exposto que o livro de Hettner se lança num debate acirrado dentro da Geografia, posicionando o autor entre uma Geografia Estética, mais inclinada à escola, e uma Geografia causal dos universitários. Ninguém, na época de Hettner, contudo, percebe que sua proposição reside exatamente no meio da problemática semiótica entre significante e significado, entre representação e análise-explicação.

Quando, em 1928, é publicado o livro *Dynamische Länderkunde* (Ciência Regional Dinâmica), do geógrafo Hans Spethmann (1885-1975), este docente sem vínculo no Departamento de Geografia da Universidade de Colônia entra no debate ainda com outra solução, que parece quase deleuzeana. Capta o objeto da Geografia como um conjunto de forças: “Uma totalidade colorida de forças é ativa para formar a humanidade e seu globo de vida” (SPETHMANN, 1928:70). Para Spethmann (1928:71), esta “imagem das forças” tem duas aparências, uma temporal e uma espacial, e ambas só podem ser vistas em conjunto e sem um esquema fixo (em oposição à proposta corológica de Hettner, que sistematiza os geo-fatores). Além da clara alusão (provavelmente inconsciente) a Einstein e Bergson, a proposta de Spethmann cria uma ponte não-representativa entre o problema da estética e a Geografia causal. Sua “causalidade” agora fica contextualizada na subjetividade da ponderação:

Por isso, ela (cada força singular) nunca pode ser vista como uma série causal, mas representa uma força de expressão na imagem da paisagem, na qual espaço e tempo foram captados numa relação de mudança da paisagem (SPETHMANN, 1928:113-4).

Com essa proposta vitalista bastante conveniente para uma interpretação política do termo “força” na ideologia fascista, Spethmann ganha rapidamente o apoio dos geógrafos escolares e desafia assim toda a comunidade dos geógrafos universitários (WARDENGA, 1995:180-206). Melancolicamente, as ideias de Hettner se perdem pelo caminho, sendo injustamente acusadas pela “jovem guarda” como “positivistas”. Assim, durante muito tempo, a obra de Hettner foi desprezada, sem ser avaliada na

sua capacidade analítica e semiótica entre significante e significado. Se não fosse o curioso desvio das propostas de Hettner pela Geografia norte-americana, principalmente por Richard Hartshorne, provavelmente suas ideias teriam caído há muito em completo esquecimento. Mas isso já é uma outra narrativa.

Considerações finais

Apesar de todas as contradições inerentes ao seu *Konstrukt*, Hettner tem grandes serviços prestados ao pensamento geográfico. Dentre os seus vários legados, devemos lembrar que é ele quem, já no início do século XX, chama-nos a atenção para a necessidade de se estabelecer, de maneira permanente, um diálogo crítico com a tradição. E é ele também o responsável por colar o discurso do espaço ao da Geografia.

O nosso artigo revela um fato curioso: enquanto a proposta corológica de Hettner era claramente um fracasso na sua época, isolada e mal-compreendida, tendo em vista o conjunto dos debates sobre a apresentação do objeto da Geografia e também a lógica da proposta, ela hoje é vista como um grande marco na história epistemológica da Geografia. Esse fato se deve provavelmente a dois componentes. Historicamente, ficando quase sempre fora do lugar e do tempo – primeiro na busca de um método extremamente filosófico na Geografia alemã de autodidatas, depois na insistência numa geografia não-politizada em uma época de alta politização frente ao iminente perigo do nacional-socialismo – o *Konstrukt* de Hettner sempre permite ligações para o passado e para o futuro. Epistemologicamente, com sua junção entre um objeto construído e um objeto factual da Geografia, a proposta, em época de crítica materialista e do pós-estruturalismo, pode ser interpretada como uma proto-versão da corrente dialética e desconstrutivista, ainda sem clara discussão das armadilhas que surgem no entre-espaço entre o significante e o significado da Geografia.

O que ajudou, certamente, a fundamentar o posicionamento epistemológico de Hettner, foi sua recepção na Geografia norte-americana, via obra de Hartshorne (1939, cf. HARVEY e WARDENGA 1998:136pp.). A falta de alternativas metodológicas (e ideológicas) depois da queda do Terceiro Reich, que tinha se comprometido com a “Geografia nacional” pelo projeto nacional-socialista (WARDENGA, 2006:145) e que provocou o vazio teórico dos anos 1950 e 1960 na Geografia alemã, também criou uma situação de preservação da abordagem de Hettner.

Por isso, relendo a proposta de Hettner, agora no contexto contemporâneo, num processo de desconstrução de seus motivos, de suas influências epistemológicas e da sua historicidade, eventualmente é possível, com base em novos esquemas interpretativos, mostrar elementos epistemológicos e valores dentro dela que até hoje ficaram escondidos por causa da sua tragédia científica pessoal que acompanhou a produção da sua obra.

A PROFUSÃO DAS TEORIAS ESPACIAIS E A FUSÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO: ALFRED HETTNER E O PROJETO COROLÓGICO

Resumo: O presente artigo tem como *Leitmotiv* apresentar ao leitor de língua portuguesa a obra do geógrafo alemão Alfred Hettner bem como o contexto, no qual constrói seu projeto corológico de uma *Länderkunde* (Ciência Regional). Contextualiza-se, assim, as ideias expostas no seu livro clássico *Die Geographie, ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden* (“A Geografia, sua história, sua essência e seus métodos”) através de uma apresentação estrutural e semiótica, usando aspectos biográficos do autor e debates metodológicos entre os geógrafos do II Império Alemão e da República de Weimar. Com isso, o artigo fornece material de apoio para o texto traduzido de uma parte do segundo capítulo do mencionado livro, apresentado no mesmo volume da revista, na seção “Nossos Clássicos”.

Palavras-chave: Epistemologia - Teoria da Geografia – Geografia regional – Alfred Hettner - Espaço - Geografia Alemã.

THE PROFUSION OF THE SPACE THEORIES AND THE FUSION OF THE GEOGRAPHIC SPACE: ALFRED HETTNER AND THE CHOROLOGICAL PROJECT

Abstract: The article introduces the reader of Portuguese language to the oeuvre of the German geographer Alfred Hettner, as *Leitmotiv*, and also highlights the context in which Hettner developed his chorological project of *Länderkunde* (in the sense of Regional Science). Such an approach gives an insight into the ideas of his classic *Die Geographie, ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden* (“Geography, its history, its character, and its methods”) through structural and semiotic aspects, also making use of biographical elements of the author’s life and the debates which took place among geographers of the Second German Empire and the Weimar

Republic. As such, the article is intended to permit a better comprehension of the partial translation of the book's second chapter, also published in this journal under the section "Our classics".

Keywords: Epistemology – Geographical theory – Regional Geography – Alfred Hettner – Space – German Geography

BIBLIOGRAFIA

BERGSON, Henri. 2006 (1919). *Duração e Simultaneidade*: a propósito da teoria de Einstein. São Paulo: Martins Fontes.

CASSIRER, Ernst. 2001 (1923) *A Filosofia das formas simbólicas. Parte I: A linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

CASSIRER, Ernst. (1921) *Zur Einsteins'schen Relativitätstheorie: Erkenntnistheoretische Betrachtungen*. Berlin: Cassirer. Reedição: Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1975.

CREIZENACH, Wilhelm. 1910. Hermann Hettner. In: Historische Kommission bei der Bayerischen Akademie der Wissenschaften (ed.). *Allgemeine Deutsche Biographie*. Munique, Vol. 55, p. 776–782 (edição digital, acessado em 7 de janeiro de 2012).

DROSTE, Magdalena. 2006. *Bauhaus 1919-1933*. Colônia et al.:Taschen.

ELIAS, Norbert. 1997. *Os Alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar.

GESSNER, Dieter. 2005. *Die Weimarer Republik: Kontroversen um die Geschichte*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.

GOMBRICH, H. Ernst. 1999. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: LTC.

HARVEY, Francis e WARDENGA, Ute, 1998. The Hettner-Hartshorne connection: Reconsidering the process of reception and transformation of a geographic concept. In: *Finisterre* 33 (65), p. 131-140.

HETTNER, Alfred. 1905a. Das System der Wissenschaften. In: *Preussische Jahrbücher* 122, p. 251-277.

_____. 1905b. Das Wesen und die Methoden der Geographie. In: *Geographische Zeitschrift* 11, p. 545-564, 615-629, 671-686.

_____. 1927. *Die Geographie, ihre Geschichte, ihr Wesen, ihre Methoden*. Breslau: Hirt.

HETTNER, Alfred. 1903. Grundbegriffe und Grundsätze in der Geographie. In: *Geographische Zeitschrift* 9, p. 21-40, 121-139, 193-213.

- KANT, Immanuel. 1968. *Physische Geographie*. Berlin: Walter de Gruyter.
- _____. 1989. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- _____. 2007. Introdução à Geografia Física. In: *GEOgraphia*, Niterói, 9, n°17, p.121-129.
- KIRCHHOFF, Alfred. 1910. *Mensch und Erde*: Skizze von den Wechselbeziehungen zwischen beiden. Leipzig: Teubner.
- KOLB, Eberhard. 2002. *Die Weimarer Republik*. Munique: Oldenbourg.
- MASSEY, Doreen. 2008. *Pelo Espaço*: Uma Nova Política da Espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- PASSARGE, Siegfried. 1922. Aufgaben und Methoden der vergleichenden Landschaftskunde und ihre Stellung im System der Erdkunde. In: *Verhandlungen des 20. Deutschen Geographentages zu Leipzig*. Berlin: Reimer, p. 175-180.
- PASSARGE, Siegfried. 1924. Politische Geographie: Ihre Aufgaben und Grundlagen. In: *Geographischer Anzeiger* 25, p. 201-209.
- PLEWE, Ernst. 1985. Der junge Alfred Hettner. In: PLEWE, Ernst e WARDENGA, Ute (orgs.). *Der junge Alfred Hettner*: Studien zur Entwicklung der wissenschaftlichen Persönlichkeit als Geograph, Ländekundler und Forschungsreisender. Stuttgart: Steiner, p. 9-26.
- PRIGOGINE, Ilya e STENGERS, Isabelle. 1997. *A nova aliança*. 3.ed. Brasília: Ed. da UNB.
- RATZEL, Friedrich. 1901-1902. *Die Erde und das Leben*: Eine vergleichende Erdkunde. Leipzig e Viena: Bibliographisches Institut.
- SCHLOTT, Michael. 1993. *Hermann Hettner: Idealistisches Bildungsprinzip versus Foschungsimperativ*: Zur Karriere eines ‚undisziplinierten‘ Gelehrten im 19. Jahrhundert. Tübingen: Niemeyer.
- SCHLÜTER, Otto. 1920. Über Inhalt und Aufgaben der Geographie. In: *Erziehung und Bildung*. Wissenschaftliche Beilage der Preussischen Lehrerzeitung 1, No. 10, p. 73-77.
- SCHULTZ, Hans-Dietrich. 1980. *Die deutschsprachige Geographie von 1800-1970*: Ein Beitrag zur Geschichte ihrer Methodologie. Berlin: Geographisches Institut der Freien Universität (= Abhandlungen des Geographischen Instituts, Anthropogeographie 29).
- SPETHMANN, Hans. 1928. *Dynamische Länderkunde*. Breslau: Hirt.
- VOLZ, Wilhelm. 1923. Das Wesen der Geographie in Forschung und Darstellung. Antrittsvorlesung an der Universität Leipzig am 13. In:

Schlesische Jahrbücher für Geistes- und Naturwissenschaften 1, No.3-4, p. 239-274.

VOLZ, Wilhelm. 1926. Der Begriff des Rhythmus“ in der Geographie. In: *Mitteilungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Leipzig*, p. 8-41.

WAGNER, Herrmann. 1915. *Lehrbuch der Geographie*. 2. Band: Länderkunde von Europa. 1. Abteilung: Allgemeine Länderkunde von Europa. Hannover: Hahn.

WARDENGA, Ute. 1995. *Geographie als Corologie: Zur Genese und Struktur von Alfred Hettners Konstrukt der Geographie*. Stuttgart: Steiner.

_____. 2006. German Geographical Thought and the Development of Länderkunde. In: *Inforgeo* 18/19, p. 127-147.

WEHLER, Hans Ulrich. 1995. Deutsche Gesellschaftsgeschichte 1849-1914, Vol. 3: *Von der Deutschen Doppelrevolution bis zum Beginn des Ersten Weltkrieges*. Munique: Beck.

_____. 2003. Deutsche Gesellschaftsgeschichte 1849-1914, Vol. 4: *Vom Beginn des Ersten Weltkrieges bis zur Gründung der beiden deutschen Staaten*. München: Beck.

WIGGERSHAUS, Rolf. 1988. *Die Frankfurter Schule: Geschichte, Theoretische Entwicklung, Politische Bedeutung*. Munique: dtv.